

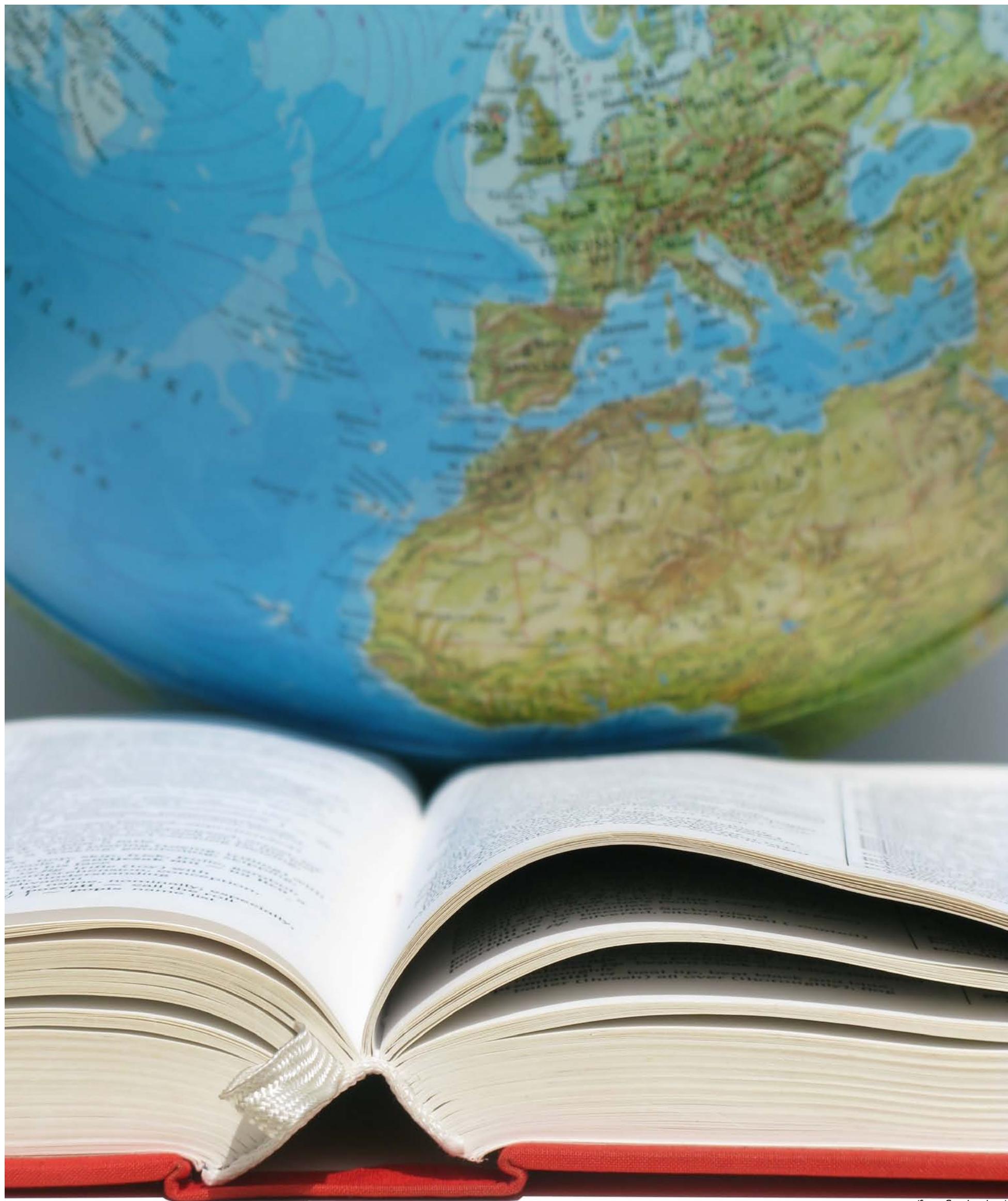
# EXPRESSÃO

Ano 3 Número 29 Julho.2012

Uma publicação  
do Sindicato dos  
Servidores Públicos  
do Ensino Superior  
de Blumenau

# UNIVERSITÁRIA

[www.sinsepes.org.br](http://www.sinsepes.org.br)



# »» Editorial

## O que fazer diante do Ministério Público e de uma Lei maior, a qual não podemos contornar? Utilizemos o bom senso, tratemos isso como uma gestão de RH, utilizemos os mecanismos de compensação na remuneração e deem encaminhamento

**E**sse mês a FURB, após sucessivas prorrogações de prazo, cumpriu o TAC (Termo de Ajuste de Conduta) para regularizar os contratos de professores e servidores temporários admitidos sem concurso público para a carreira, que passaram por contratações em um processo seletivo sumário com sucessivas prorrogações durante anos a fio, e outros casos sem até esse mínimo requisito formal. A questão é antiga e mal resolvida. Diante da crescente sobrecarga de impostos imposta à sociedade reivindica-se que parcela deles deveria ser direcionada, entre outros, à prestação do ensino superior pelo Estado. O que favoreceria e contribuiria para uma dedicação à carreira, mas não se concretiza em prejuízo à qualidade de ensino, em função da contratação sucessiva de professores temporários, que tem sido realizada con-

trapondo-se à abertura de concurso para nomeação de profissionais efetivos. Os aludidos professores temporários se enquadram, doutrinariamente, na categoria dos agentes temporários, que, na definição de Diógenes Gasparini, são aqueles "que se ligam à Administração Pública, por tempo determinado, para o atendimento de necessidades de excepcional interesse público, consoante definidas em lei (1)".

No começo da República, a nomeação de servidores públicos se dava por mera indicação. A partir da Constituição de 1934, começou a ser exigida a realização de concurso para provimento de cargos no funcionalismo público em geral, trazendo um dispositivo específico para contratações de professores, inclusive sobre acordos realizados por prazo certo. Mesmo assim sempre houve diversas maneiras para que o ente público justificasse alguma contratação sem concurso.

O Supremo Tribunal Federal, em diversas ocasiões, decidiu sempre no sentido de que o concurso público somente poderia ser dispensado para o preenchimento de cargos de natureza especial. O inciso IX do artigo 37 da Constituição Federal dispõe sobre os requisitos para a contratação prevista na Lei 8.745/93. Para que esse tipo de acordo se realize, é necessário que haja necessidade temporária para a realização do serviço e que este seja de excepcional interesse público, conforme prevê o dispositivo constitucional supracitado: "a lei estabelecerá os casos de contratação por tempo determinado para atender a necessidade temporária de excepcional interesse público". Em casos de necessidade temporária de excepcional interesse público, abre-se uma exceção que viabiliza a contratação de pessoal para encarar situações extraordinárias, que não podem ser enfrentadas com o número normal de servidores sob pena de dano na qualidade da prestação permanente dos serviços públicos, e em caráter temporário a ser estabelecido em lei. A regra é a elaboração de concurso para provimento de cargos ou empregos públicos. Nos casos de contratações temporárias, apenas se exige a realização de processo seletivo. Assim, convém distingui-los: concurso público, segundo a lição de Diógenes Gasparini, "é o procedimento posto à disposição da Administração Pública direta e indireta, de qualquer nível de governo, para seleção do futuro melhor servidor, necessário à execução de serviços que estão sob sua responsabilidade (2)". O processo seletivo é mais simples; é o ato de proceder a uma escolha baseada em critérios julgados importantes e essenciais à função a que o candidato aspira. Por se tratar de uma situação excepcional, não há necessidade de se realizar concurso público, nem mesmo a lei o exige. Deve apenas ser promovido um processo seletivo simplificado, que possui normas de menor complexidade que as daquele, porém, sempre de acordo com os princípios constitucionais atinentes à Administração Pública – legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência. O

problema é que o estado tanto no âmbito municipal, estadual e federal abusa levando a condição de excepcionalidade a um caso comum repetidamente executado levando a uma categoria a submeter-se a um tratamento desigual, no entanto em relação à remuneração os professores efetivos têm um plano de carreira, incorporam gratificações de tempo de serviço e evolução funcional aos salários e possuem todos os direitos trabalhistas de um servidor estatutário, enquanto os professores contratados recebem apenas as horas trabalhadas no período de seu contrato. A diferença inicial é de 30% só no salário em média. Uma motivação de ordem econômica é claramente detectada e os fatos que ocorrem com professores da rede pública em diversos estados é pior, não tem direito a nada, são demitidos todos os anos em dezembro e recontratados, não tem direito a FGTS, etc. Se o Estado quer economizar certos encargos que crie instrumentos que pelo menos igualem a relação de uma remuneração equânime em benefício do trabalhador nas diferentes situações. Nas universidades federais o número de professores substitutos não é tão grande quanto na FURB, mas o problema existe e impede que o professor seja recontratado no espaço de dois anos após o término do 1º. contrato de 12 meses e sua prorrogação e casos existem também de vagas que não são abertas durante anos.

Uma vez regulamentada a comissão administrativa, reza a Lei 8.745/93 em seu art. 2º, inciso IV combinado com o art. 4º, parágrafo único, incisos I e II, que a situação transitória que permite a contratação de professores substitutos pode perdurar até 12 meses como citado. Ora, se se fizer uma interpretação a contrario sensu ante ao exposto, claro está que 12 meses também é o prazo esperado para que se resolva essa situação excepcional e transitória. Não o sendo feito, poder-se-ia prorrogar o prazo por igual período. Comprovada a transitória situação de excepcionalidade, poderia se efetivar a contratação do professor substituto. A partir do exato momento em que se faz necessária esta contratação

é que começa a correr o prazo para se corrigir a situação de anormalidade. Isto posto, não nos parece cabível que uma instituição de ensino superior possa se utilizar do instituto da contratação de agentes temporários pela Administração Pública para ampliar seus serviços, tendo em vista que tal ampliação exige um processo bem mais complexo, e que a prorrogação sucessiva de contratos a prazo por uma mesma instituição descaracteriza a já referida e condicional necessidade transitória de excepcional interesse público, exteriorizando a negligência ou improbidade administrativa. Sabemos que a FURB no ambiente concorrencial e incerto que vive não garante a existência regular de vagas em cursos e depende de demanda para poder prever suas necessidades em pessoal no futuro. Se é essa a realidade e a Lei não a prevê, estamos em estado emergencial contínuo e permanente, descobertos diante de uma situação "sui generis". O que fazer diante do Ministério Público e de uma Lei maior a qual não podemos contornar? Utilizemos o bom senso, tratemos isso como uma gestão de RH, utilizemos os mecanismos de compensação na remuneração e deem encaminhamento devido e equânime dentro das limitações da administração pública diminuindo essas diferenças no tratamento dessa questão, pois os servidores tanto professores quanto técnico administrativos são tão necessários quanto os efetivos, todos sabemos disso e muitos desistiram de se submeter a esse rito de forma contínua todos esses anos. Considerar os seus contratos nulos e subtrair-lhes os direitos que lhe seriam garantidos pela CLT é mais um subterfúgio que o Estado está dando aos administradores públicos para "economizarem" e mais uma agressão a uma categoria que durante anos contribuiu para os quadros da FURB. Ninguém ganha efetivamente com isso.

### Notas

1 GASPARINI, Diógenes. Direito administrativo. 5. ed. rev. atual. e aum. São Paulo: Saraiva, 2000. p. 143.

2 Id. Ibid. p. 160.

#### DIRETORIA SINSEPEs | 2011/2014

**Presidente:** Ralf Marcos Ehmke (CCSA); **Vice-presidente:** Luiz Donizete Mafra (DAC), **Secretária geral:** Laurete Maria Ebel Coletti (CCS), **1ª Secretária:** Marian Natalie Meisen (Instituto FURB), **Tesoureiro:** Valcir de Amorim (DAF), **1º Tesoureiro:** Leandro Junkes (Biotério Central), **Diretor de Imprensa e Comunicação:** Carlos Alberto Silva da Silva (CCHC), **Diretora de Assuntos Jurídicos:** Ivone Fernandes Morcilo Lixa (CCJ), **Diretora de Formação e Relação Sindical:** Nevoní Goretta Damo (CCS), **Diretor de Cultura, Esporte e Lazer:** André Luís Almeida Bastos (CCT)

#### CONSELHO FISCAL

**Efetivos:** Edeimar Valério Mafra (NRTV), Luiz Heinzen (CCEN), Nazareno Loffi Schmoeller (CCSA)  
**Suplentes:** Selésio Rodrigues (DAC), Jorge Gustavo Barbosa de Oliveira (CCHC)

**Jornalista responsável:** Magali Moser (02353 JP-DRT/SC).

**Diagramação e edição:** Magali Moser

**Projeto Gráfico:** Leo Laps

**Tiragem:** 3.000 cópias.

**Gráfica:** Grupo Paulo Pimentel (Curitiba).

As matérias assinadas são de responsabilidade dos seus autores.



## Contato

*Expressão Universitária* é uma publicação do SINSEPEs (Sindicato dos Servidores Públicos do Ensino Superior de Blumenau)

**Endereço:** Campus I da FURB - Rua Antônio da Veiga, 140 - Victor Konder - Blumenau - SC - CEP 89012-900

**Telefone:** 47 3321-0400 | 47 3340-1477

**E-mail:** sinsepes@sinsepes.org.br

**Página:** www.sinsepes.org.br



# Estereótipos: Brasil que país é este?

Uma das paisagens nacionais mais fotografadas, o Pão de Açúcar, configura-se como um dos principais símbolos brasileiros (foto: Magali Moser)

As imagens propagadas pelos meios de comunicação e as impressões estrangeiras que caracterizam a fonte da identidade nacional

POR **DIVA RANGEL MARTINELLI**, professora de Inglês do Departamento de Letras da Furb

< diva@furb.br >

POR **MARINA B. BORGMANN DA CUNHA**, professora de Inglês e coordenadora do Furb Idiomas

< marinabbc@furb.br >

**C**arnaval, samba, futebol. Com estas palavras os estrangeiros costumam definir o Brasil. Também pensam que somos alegres, gostamos muito de dançar e de tomar café. Alguns ainda dizem que temos potencial mas somos um pouco “enrolados”... Sabemos que a mídia nacional e internacional se encarrega de exportar um perfil do brasileiro que dança enquanto os problemas proliferam... Assim, o que mais exportamos para o mundo é a imagem que fica e que nos tem caracterizado como identidade. Então, tornamo-nos o que divulgamos ser. Logo chegamos à conclusão que o estereótipo ainda corresponde, em muito, a uma visão redutora da cultura brasileira, baseada em moldes e padrões setentrionais americanos ou europeus. Seríamos uma imensa nação com características semelhantes infantilizada, quase uma entidade abstrata, pois é impossível imaginar sua correspondência com qualquer grupo brasileiro. Podemos aqui lembrar de definições e conceitos pertinentes à análise dos fatos que levam a tal estereotipia e suas possíveis consequências. Pierre Bourdieu e suas reflexões no campo da linguística sugere que o uso de determinadas expressões compartilhadas e que são empregadas sem uma análise mais lógica, vem revestidas de uma violência simbólica. Portanto, de acordo com o pensador francês seria errôneo definir-se um grupo tão amplo e variado quanto o povo brasileiro com características revestidas de tal rigidez e homogeneidade. Se assim fosse, como definiríamos uma região como Blumenau, onde não se festeja o carnaval? Outro Brasil?

Dizer que o nosso país tem pro-  
porções continentais, e é o quin-

to maior em área do planeta, não é o suficiente para elucidá-lo como a sexta maior economia do globo, o maior país lusófono do mundo e uma das nações mais multiculturais e etnicamente diversificadas. Tudo isto ainda não resume o país do jeitinho, da caipirinha, do samba e do futebol, da bossa nova e de Copacabana. Mas, o que são estas lembranças senão meros estereótipos do que dizem a nosso respeito? Somos estes estereótipos?

Os meios de comunicação, televisão e cinema, principalmente se encarregam de difundir conceitos estereotipados. Mantendo a essência, Carlos Saldanha fez a animação RIO

**O que mais exportamos para o mundo é a imagem que fica e que nos tem caracterizado como identidade. Então, tornamo-nos o que divulgamos ser**

com todos esses aspectos e mais um pouco: Favela e tráfico, dessa vez, de animais. E o famoso Carnaval... Samba!!! Yes!

O termo estereótipo (etimologicamente stereos = firme, rígido, sólido/typos=impressão) existe com conotação de uso relacionado à tipografia, placa metálica de caracteres fixos e destinada à impressão em série. Assim também a expressão clichê, a superfície de impressão do estereótipo. Os estereótipos seriam como fotografias que as pessoas carregam dentro da cabeça, ou seja, elementos preexistentes e acumulados na memória. O mundo estaria ordenado

por códigos repetidos, passados de geração a geração, favorecendo a estereotipia, que, por função, defenderia as tradições culturais e posições sociais. Quando nossa primeira impressão sobre uma pessoa ou grupo social é orientada por um estereótipo, tendemos a deduzir informações adicionais de maneira seletiva e imprecisa, perpetuando, assim, nosso estereótipo inicial. A simplificação excessiva leva a pensamentos equivocados, estereotipados, e finalmente preconceito e discriminação.

As identidades socioculturais bem como o reconhecimento da multiculturalidade brasileira e sua perspectiva social são temas que aparecem frequentemente se o assunto é o ensino de idiomas, notadamente o ensino de português como língua estrangeira. Ao falar de Brasil o professor se defronta com conceitos que os estudantes estrangeiros trazem em sua bagagem, apontando para estereótipos que quase nunca correspondem à realidade de nosso país. O ensino de português para estrangeiros é um campo de trabalho relativamente novo, se comparado ao ensino de outras línguas estrangeiras. Por isso mesmo, há falta de professores preparados e carência de pesquisas que promovam uma reflexão sobre a abordagem do ensino de PLE e suas múltiplas facetas culturais.

Em 2011 conduzimos uma pesquisa, posteriormente apresentada no VII PLE –RJ, cujo objetivo foi averiguar a presença de estereótipos culturais sobre os brasileiros e o Brasil. Nossa pesquisa foi realizada na FURB, através do programa de PPE (português para estrangeiros), sendo que o grupo pesquisado foi composto de 15 alunos de 10 nacionalidades e pertencentes a faixas etárias

variadas, variando de 22 até 54 anos. Aplicamos um questionário com várias perguntas e entre elas uma que pedia que o entrevistado usasse três palavras para definir o país e os brasileiros. Após análise do material coletado, foram consideradas para a formação do estereótipo, no mínimo três respostas coincidentes. Os resultados da pesquisa constata-ram a presença de estereótipos sobre os brasileiros já que Carnaval, samba, alegria, praia, foram as respostas prevalentes. Alguns entrevistados declararam-se decepcionados com nossa região, por motivos óbvios. Apenas uma entrevistada mencionou os substantivos esforço e desenvolvimento para definir, em parte, o povo brasileiro e o Brasil. Vimos que os estrangeiros têm um retrato bem definido dos brasileiros, que corresponde, em certa medida, ao estereótipo que foi perpetuado e difundido mundo afora por mecanismos complexos e condições históricas que favoreceram essa difusão.

No estudo aqui em parte relatado, tentamos compreender como se estabelecem as relações pessoais e a percepção do outro. Por fim, estabelecido o estereótipo, a principal premissa e o foco de nosso estudo, foi reforçada a necessidade de novas reflexões sobre o tema, objetivando evitar que tais conceitos contribuam para a disseminação de ideias simplistas, base do preconceito e discriminação.

Nota: Pierre Bourdieu (1930-2002) sociólogo e pensador francês autor de estudos sobre habitus e capital cultural. Saiba mais em ; [http://pt.wikipedia.org/wiki/Pierre\\_Bourdieu](http://pt.wikipedia.org/wiki/Pierre_Bourdieu)

# Por que eu não me orgulho#

As contradições da cidade que está em primeiro lugar para se viver, segundo a prefeitura, e ostenta o título de número 1 em favelas

POR GIOVANNI RAMOS, jornalista, editor do Portal Controversas

<contato@controversas.com.br>

Viva a cidade número 1 de Santa Catarina! O melhor lugar para se viver está em primeiro lugar no ranking de 293 municípios catarinenses em qualidade de vida segundo um tal Índice Firjam, feito pela Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro. Temos um transporte coletivo moderno e ágil com os corredores, apartamentos para desabrigados foram construídos e vamos inaugurar em breve uma gigantesca obra viária que irá solucionar os congestionamentos urbanos. Nossa cidade está forte de novo.

Eu não sei que cidade é essa que passa na propaganda da Prefeitura de Blumenau, mas eu sei que quero morar nela. Isto porque com certeza não é a cidade onde eu vivo. A Blumenau de verdade é a cidade número um de Santa Catarina em favelas e pessoas morando em condições precárias segundo o IBGE. Acredite: Blumenau possui mais pessoas esquecidas pelo poder público que Florianópolis.

O tal Índice Firjam só contempla dados de saúde, educação e geração de emprego. Considera clínicas e instituições de ensino particulares. Esquece-se da segurança pública, da mobilidade urbana e até mesmo da habitação. Mas quem dá bola para a moradia, não é?

Mas não é apenas por causa desses dados que eu não me orgulho de Blumenau. Os fatos citados podem ser resolvidos por uma boa administração. Sim, eu não gosto da atual administração pública, mas tenho consciência

que o buraco é mais embaixo. As decisões do poder público são apenas um reflexo da população blumenauense, que faz questão de iludir, de viver em um mundo de fantasia, ignorando os problemas ao lado.

Blumenau é uma cidade colonizada por alemães. Essa ascendência é explorada pelo turismo de forma exaustiva. Vende-se a imagem que somos um pedaço da Europa no Brasil. Para fins turísticos isso é ótimo. O proble-

**Eu não sei que cidade é essa que passa na propaganda da Prefeitura de Blumenau, mas eu sei que quero morar nela. Isto porque com certeza não é a cidade onde eu vivo**

ma é quando a própria população começa a acreditar nisso.

O fato de termos sido colonizados por alemães e italianos não nos torna melhor que ninguém no Brasil. Mesmo assim, não costumamos receber bem aqueles que vem de fora, para fixar residência. Os paranaenses sabem disso. E os nordestinos começam a sentir isso agora. Só uma cidade preconceituosa para chamar um estabelecimento comercial de “shopping dos

nordestinos”, referindo-se ao sotaque dos atendentes.

Nós nos orgulhamos de ter sido vanguarda: a primeira rádio de Santa Catarina, a primeira televisão. Mas e hoje? O que Blumenau tem inventado? Continuamos tendo ideias e iniciativas inovadoras?

Também possuímos dificuldade de olhar para o que está a nossa volta? O blumenauense sabe o que acontece em Gaspar, Pomerode, Indaial? Está preocupado com esses municípios? Pelo contrário, ai do prefeito que deixar uma empresa nossa se mudar para uma vizinha. O retrato do nosso bairrismo está na imprensa, que praticamente ignora o que acontece ao nosso lado.

É desnecessário falar neste texto dos problemas de mobilidade urbana, do comportamento dos motoristas, do excesso de sinalizações (que paixão é essa que a administração pública possui pelos semáforos?), da inexistência de ciclovias, pois são problemas comuns de qualquer aglomerado urbano no país. O que chama a atenção é a maneira como nós fingimos ser diferentes dos outros, ser melhores...

É normal uma administração investir em propaganda em ano eleitoral, afirmando que a cidade está bonita, bem cuidada. Todos os governos fazem isso. Mas a forma como foi conduzida a campanha deste ano é que preocupa: “Número 1 de Santa Catarina”, os “melhores”. O importante não é estar bem, é estar melhor que os ou-

tros.

A campanha feita pela Free Multigênia desperta os piores instintos dos blumenauenses: a xenofobia e a arrogância. Ela é capaz de cegar a população para os seus problemas, para viver numa ilusão, em um mundo onde o Rio Itajaí-Açu é limpo e as margens na Beira-Rio são verdes.

A arrogância fecha os olhos da nossa sociedade para o que está atrás dos morros: O aumento da violência, as deficiências graves na habitação, a falta de assistência aos que mais precisam. É verdade que esconder os problemas para debaixo do tapete faz parte da nossa história. Já agimos dessa forma em 1950, quando eliminamos a favela do Centro para criar outras nos bairros. Mas uma sociedade que quer evoluir precisa corrigir os erros.

Uma eleição para prefeito e vereadores vem aí e os assuntos mais discutidos deverão ser mobilidade urbana e saúde. Há muitos outros desafios para a nossa cidade, que ainda não se recuperou da tragédia de 2008. Jogar mais de 500 famílias desabrigadas num conjunto de prédios longe do Centro, sem salas de aula, médicos para atender no posto de saúde, sem um espaço de lazer, sem um trabalho sério de assistência social não pode ser chamado de assunto resolvido.

Eu sou blumenauense, nasci nesta cidade, mas não me orgulho. Não me orgulho em nascer e viver em uma cidade parada no tempo, em uma cidade que acha que incentivar a cultura é usar um traje “típico” durante a Oktoberfest, uma cidade que se diz um pedaço da Alemanha no país e que esquece os outros povos que ajudaram a colonizar.

Quem ler este texto pode perguntar: por que eu não saio de Blumenau? Porque assim como eu condeno aqueles que acham que somos superiores, eu também entendo que não somos inferiores aos outros municípios. Todos têm seus defeitos e qualidades. O importante é enxergá-los e tomar atitudes para mudar, para melhorar, para evoluir.

A eleição é apenas um pequeno gesto. O buraco é muito mais embaixo...

**Blumenau é a cidade do Estado com maior número de moradores em condições impróprias** (Foto: Magali Moser)





(foto: Stock.xchng)

# Quando se descobre o prazer de ler

O estímulo à leitura como uma alternativa para promover o desenvolvimento humano e a transformação social

POR ANAMARIA KOVÁCS, Professora aposentada da FURB, jornalista e escritora

< akovacs@terra.com.br >

**E**stamos entre os piores leitores do mundo. Estatísticas que apontam o número de alfabetizados no país incluem aí os analfabetos funcionais, que aprenderam a desenhar seu nome, mas não conseguem ler uma palavra. Crianças e jovens saem da escola sem compreender um texto simples, muito menos escrever alguma coisa. Como ter prazer em algo tão complicado? Livros que fazem sucesso entre escolares europeus só se fazem compreendidos por adolescentes brasileiros. E isso não é só vergonhoso ou lastimável, mas uma verdadeira ameaça ao nosso futuro. Quem não consegue sequer decodificar palavras também não desenvolve o próprio raciocínio, não consegue ler o mundo; não admira que sejamos eternamente manipulados pelos oportunistas de ocasião...

Como levar alguém, criança ou adulto, a ter prazer em ler, quando o ato em si é tão difícil? Assim como tantos outros processos, também este começa em casa. Em primeiro lugar, pelo exemplo dos pais. Pobres pais! Precisam correr atrás do sustento diário, ambos, pai e mãe, trabalhando desesperadamente – como vão, ainda, ter paciência e tempo disponíveis para dedicar a um filho? A escola que cuide dele, é sua função!

Conheço uma família de operários, gente da chamada “classe C”, que trava essa luta diária pela sobrevivência digna. Têm dois filhos, de cinco e dois anos e meio, respectivamente. Ambos frequentam uma creche, pois a mãe também trabalha. Antes que eles adormeçam, o pai lhes conta histórias. E eles têm alguns livros infantis, que os pais lêem para eles. O mais velho, que começa a desenhar as letras de seu nome, quando vê o irmãozinho muito agitado, apanha um desses livros, e finge ler para o pequeno, inventando uma história. E o caçula, muito quie-

tinho, ouve atentamente. Tenho certeza de que esses dois serão leitores!

Dois fatores cruciais são responsáveis por essa minha certeza: o exemplo dos adultos e a associação da leitura com o prazer: a atenção e o carinho manifestados pelos pais através da contação e leitura de histórias para as crianças. Temo, somente, que, ao chegarem à escola, um sistema retrógrado e professores mal preparados e mal pagos acabem apagando essa primeira impressão positiva e substituindo-a pela ojeriza aos livros...

Como professora de jovens adul-

**Precisamos, enquanto é tempo, mostrar às novas gerações que leitura não é só obrigação cansativa e complicada, mas uma atividade tão útil quanto prazerosa, que descortina novos mundos**

tos, nos cursos de Letras, Comunicação e Educação Artística da FURB por mais de vinte anos, lidei com esse problema e tentei, por todos os modos, solucioná-lo. Parece impossível que estudantes de Letras detestassem Literatura. Infelizmente, eles mesmos apontavam um docente como o responsável. Mesmo assim, acredito que ainda não seja tarde demais para levar alguém a folhear um livro ou baixar um e-book no computador e lê-lo por prazer e não por obrigação profissional.

O que leva alguém a ter prazer na leitura? Diante de meus alunos, eu começava por lhes falar do autor ou autora: quem era, o que escre-

veu, como viveu (ou vive); mas isso apenas como uma breve apresentação. Em seguida, vinha o principal: a propaganda da obra. Só podemos encorajar alguém a ler um livro se compartilhamos com ele o nosso entusiasmo. Geralmente levava o livro em questão para a sala de aula, deixava que o folhassem, que lessem um trecho – era o aperitivo. Assim motivados, alguns acabavam se arriscando nessa aventura. Vencida a resistência inicial, vinha a vontade de ler mais, às vezes do mesmo autor, ou de outros. Então vinha a etapa mais gratificante: “o que a sra. acha de Fulano? Esse livro é bom?”

Essa tática nem sempre funciona, é claro. Pessoas não são autômatos, e cada um tem o seu temperamento e preferências. Tive entre meus alunos quem preferisse textos curtos, como artigos de revistas e jornais; outros gostavam mais de contos de diversos gêneros. Poucos, por circunstâncias da vida, gostariam mas não tinham tempo para ler romances. E dois deles – Maicon Tenfen e Johnny Virgil – tornaram-se escritores.

No entanto, o objetivo de um curso de Letras não é formar escritores, mas professores comprometidos com o ato de ensinar a Língua Portuguesa, em primeiro lugar, e, dependendo da opção, também uma língua estrangeira. Muitos de meus alunos daquele curso eram profissionais que buscavam o aperfeiçoamento através do curso universitário, e traziam para a sala de aula suas frustrações. A exagerada burocracia do ensino público, os baixos salários, a falta de respeito da sociedade, o sistema engessado, os próprios livros de estudo, assim como fatores socioeconômicos dos alunos levavam muitos desses docentes ao desespero e, por vezes, a desistir da profissão. Conhecido meu, formado em História, largou o ensino ao descobrir, por exemplo, que um colega

com doutorado ganhava o mesmo salário que ele. Só um idealista consegue superar todos esses obstáculos e levar aos seus pupilos a chama do seu entusiasmo por algo tão essencial quanto a leitura.

Como autora de livros infantis e infanto-juvenis, tive muitas oportunidades de conversar com meus pequenos leitores. Na cabecinha deles, um escritor seria uma pessoa “diferente”, cuja obra sairia num passe de mágica, sem nenhum esforço. Eu lhes demonstrava, então, que minha atividade era o resultado, em primeiro lugar, do meu próprio entusiasmo pela leitura. Depois do bate-papo, eles apresentavam, então, suas próprias criações. Motivados por professoras competentes, eles não só haviam lido poemas e histórias, mas usaram esses textos como ponto de partida para suas próprias intervenções: encenação, declamação, ilustração e até a invenção de novos desfechos para um conto, por exemplo. Era extremamente gratificante perceber como meus escritos ativavam a crítica, a leitura de mundo e a imaginação daquelas crianças.

Esse é o ponto de partida, ao qual eu volto e insisto: se quisermos ter um país cuja população participa ativamente das decisões políticas através do voto consciente; que analisa criticamente os acontecimentos em todas as áreas da vida pública, que se manifesta com sensatez sobre os fatos, tem sensibilidade suficiente para ser solidária e criatividade de sobra para ser artista – então precisamos, enquanto é tempo, mostrar às novas gerações que leitura não é só obrigação cansativa e complicada, mas uma atividade tão útil quanto prazerosa, que descortina novos mundos, alarga horizontes, ativa a imaginação, o senso crítico, a sensibilidade e a habilidade de ler e decifrar a própria realidade.

# Produzindo vontades

As dificuldades encontradas para implementar e manter um projeto musical na Vila Itoupava, em Blumenau

POR CARLOS ALEXANDRE SCHRUBBE, graduado em Música na Furb

< carlos-esp@pop.com.br >

**U**ma vontade só existe a partir do momento em que percebemos a necessidade de algo, que por sua vez, pode vir de várias ordens. Podemos ter necessidades orgânicas e/ou artificiais e sua utilidade varia de pessoa para pessoa. O que já se sabe é que as nossas vontades precisam respeitar todo um complexo de diretrizes que a vida em sociedade solicita.

**A cervejaria pioneira na cidade e região teve a sua última produção datada de 1954. Após, a cervejaria se dedicou à produção de gasosas e refrescos(...) Hoje, o prédio serve como Centro Cultural da Vila Itoupava**

Prédio da antiga Cervejaria Feldann que hoje abriga o Centro Cultural da Vila Itoupava  
(Foto: Carmen Hoffmann)

Incio a minha narrativa com esse balizador: Vontade individual versus Vontade política. Genuinamente todas as ações humanas precisam de uma harmonia entre essa relação quase que dicotômica, visto que, nos dias de hoje encontramos mais dissonâncias do que consonâncias nesse versus. Da mesma forma que as nossas vontades surgem a partir de necessidades, temos que criar na política vontades usando as nossas necessidades.

Ilustro tal conceito como a minha própria experiência profissional. Venho da área musical e atuo como professor de violão a 5 anos. Estou me formando em música na Universidade Regional de Blumenau (FURB) no presente semestre e pretendo pes-

quisar o instrumento que leciono. O cenário da narrativa é o bairro situado na região norte de Blumenau, o Distrito da Vila Itoupava na qual eu resido. Segundo o dialeto Tupi moderno, Itoupava – Itupaba – significa pequeno salto ou corredeira. Lugar de aproximadamente 5000 habitantes de costumes e colonização alemã, 25 km de distância do centro da cidade. As pessoas em sua maioria são colonos que tem a sua pequena propriedade e praticam principalmente a agricultura. Temos também a parte industrial que concentra as suas atividades na área têxtil, localizada no centro e emprega um percentual acentuado no distrito e região, sendo também que muitos trabalham fora e praticam a agricultura em casa. No cenário cultural dispomos dos Clubes de Caça e Tiro, chamados Schützenverein onde acontecem eventos ligados à cultura germânica como: festas do rei/rainha do tiro/bolão, grupos de danças folclóricas, corais, grupo de teatro amador, entre outras atividades. Diante desse cenário muitos falam que a Vila Itoupava é o verdadeiro reduto dos costumes germânicos da cidade, por 90% de sua população falar o idioma Alemão (CLUBE DE CAÇA E TIRO, 2012, site).

Para quem vem do centro da cidade para o distrito avista praticamente na entrada a extinta Cervejaria Feldmann, hoje, Centro Cultural da Vila Itoupava (CCV). Sua origem é datada aproximadamente no fim do sécu-

lo XIX com uma pequena produção caseira. O prédio, segundo a avaliação do memorial descritivo, mistura duas técnicas de construção: uma inspirada na tradição Açoriana constituída de pedra e cal – parte interna – e a outra de tradição Alemã pelos tijolos maciços aparentes – parte externa. A cervejaria pioneira na cidade e região teve a sua última produção datada de 1954. Após, a cervejaria se dedicou a produção de gasosas e refrescos até 1978 quando de fato o espaço fechou. Em 1997 foi feito um Termo de Compromisso e Ajustamento de Conduta entre o poder público e a Momento Engenharia Civil Ltda. – empresa responsável pelo aterro de resíduos industriais do distrito. A empresa adquiriu o prédio em 2001 e o restaurou para daí sim ser o Centro Cultural da Vila Itoupava.

Hoje o CCV dispõe de um conselho administrativo de caráter deliberativo, sendo que, fazem-se membros: a Associação de Moradores da região da Vila Itoupava, Fundação Municipal Meio Ambiente (FAEMA), diretoria da Fundação Cultural de Blumenau, Momento Engenharia Ltda., Representante das Escolas da região da Vila Itoupava, Secretaria Municipal de Planejamento (SEPLAN) Consultor Técnico e o Superintendente da Vila Itoupava (ARQUIVO DE BLUMENAU, 2012, site). No outono de 2008 essas instituições aprovaram um projeto no qual eu assino como proponente

intitulado: Projeto de Ampliação do Centro Cultural da Vila Itoupava que previa a instalação de uma escola de artes a qual oferecia aulas de música, dança e teatro.

Fui incumbido de movimentar o lugar que recém começara a trabalhar como estagiário. Um lugar lindo, cheio de história e possibilidades, mas não tão explorado. Lá aconteciam encontros com os alunos das escolas da região em datas comemorativas, reuniões e visitação em geral. Visto isso, quis dar jus ao nome de centro cultural implantando atividades de ordem educativa. Quando aprovado, o projeto reclamava investimentos como: Sala acústica para aulas de bateria, aquisição de instrumentos musicais e o não repasse de parte da receita gerada pela mensalidade dos alunos – R\$ 60,00 (sessenta reais) mês. A luz da aprovação do conselho damos inicio as atividades primeiramente com as aulas de violão – transferindo os meus alunos de casa para o CCV – depois, aulas de teclado, canto, flauta, bateria, contrabaixo, sax, trombone, coral da igreja, banda da escola local, grupo de dança, teatro e mais tarde aulas de língua alemã. Levou aproximadamente 8 (oito) meses para que o processo licitatório da sala acústica se concluísse também com a aquisição da bateria. Em um ano já tínhamos um movimento de aproximadamente 200 (duzentos) alunos por semana, sendo que, toda a divulgação – folders/arte, visitas em escolas e tocatas para divulgar – foi feita com recursos próprios.

O apogeu do projeto foi quando alcançamos aproximadamente 250 (duzentos e cinquenta) alunos com 1 (um) ano e 3 (três) meses de projeto. Adiante disso não consegui manter a vontade dos administradores – que já não eram os mesmos, como a administração da Fundação Cultural de Blumenau – nos 8 (oito) meses seguintes o projeto já não existia mais, sendo substituído por atividades de uma gerência instalada no lugar do meu cargo – estagiário. Os professores eram os meus colegas de faculdade e o trabalho no CCV servia como uma extensão do curso. Hoje a minha casa é uma escola de música! Atendo parte dos alunos de violão que eu tinha no projeto.

Não posso deixar de frisar a minha inexperiência de ser maestro de tal atividade e ao mesmo tempo lecionar, coisa que fiz durante todo o projeto. Somente me dá a sensação de que as nossas vontades podem contagiar muita gente, como também, afirmo que se tal vontade é recíproca à relação acima citada – Vontade individual versus Vontade política – é possível realizarmos todas as idéias.



# O direito à Educação

Em 88º no ranking mundial da Educação, o Brasil perde para nações como Bolívia, Equador e Botswana

POR THIAGO RAFAEL BURCKHART, estudante de Direito da FURB

< thiago--rafa@hotmail.com >

**B**rasil, país da América Latina com a quinta maior área e população do mundo, sendo a sexta maior economia mundial e uma das nações mais multiculturais do planeta. Mas, infelizmente, possui uma Educação de nível baixíssimo e degradante.

A palavra Educação é definida no dicionário Michaelis como “desenvolvimento das faculdades físicas, intelectuais e morais do ser humano” e neste processo encontram-se presentes três agentes fundamentais: a família, o Estado e o próprio indivíduo.

Nossa Constituição Federal de 1988 vem com a proposta de qualidade no ensino, conforme seu artigo 206, inciso VII: “garantia de padrão de qualidade”, que deveria ser cumprido por parte do Estado, mas infelizmente este não nos assegura.

A educação resume-se no mais eficiente instrumento para a construção de um Estado Democrático de Direito estabelecido em nossa Carta Magna, mas não há

Estes dados demonstram a precariedade que se encontra a Educação no Brasil, o que se reflete na imaturidade política da maioria dos brasileiros que não sabem e nem entendem a relação de poder pela qual os cercam.

O professor deve estimular o debate e propiciar a politização dos estudantes, proporcionando a formação devidamente crítica do indivíduo. Mas como nossos professores o farão se estes são uns dos profissionais mais mal pagos do nosso país?

Isso somado ao fator da precária estrutura e condições de trabalho destes servidores prejudica de maneira direta o processo de ensino-aprendizagem do indivíduo, o que não o estimula a pensar, tornando-se um ser passivo.

O que também prejudica em muito a educação em nosso País é o fato de muitos pais entregarem seus filhos ao Estado pensando que este se deve encobrir de toda a Educação da criança e se esquecem que a família também desempenha papel fundamental na construção do psico-social do

**Como disse o ex-presidente da África do Sul, Nelson Mandela, "A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo." É através dela que podemos transformar e progredir, para que possamos efetivamente viver numa sociedade devidamente digna**

como estabelecermos uma democracia de fato se não há qualidade na educação de nosso país, o que não possibilita a devida politização do indivíduo perante à sociedade. Para fortalecermos a democracia no Brasil é preciso que seja criada uma cultura de participação política na população, e isto se dá somente pela Educação.

A Educação deve proporcionar a cidadania ao indivíduo, ou seja, fazê-lo entender a sua importância perante à sociedade no que diz questão aos interesses sociais e ao seu poder de decisão. Além disso, deve o indivíduo também compreender as relações de poder que o cercam para tornarem-se politizados.

Em 2011, segundo a UNESCO por meio de seu Relatório de Monitoramento Global sobre a questão da educação, indicou que o Brasil encontra-se em 88º no ranking mundial da Educação, perdendo para países como Bolívia, Equador e Botswana.

indivíduo.

Mas a lógica daqueles que governam se aproveitando da incompreensão da sociedade, que não participa politicamente é de aumentar a jornada de trabalho dos professores, aumentarem os dias letivos como se isso garantisse qualidade na Educação, mas sim ocorre o inverso.

O que garante uma educação digna em nosso país é a maior capacitação dos profissionais da Educação, pois a falta de profissionais qualificados é ainda uma preocupação, haja vista que o profissional da educação perdeu seu status social, seu reconhecimento, e cada vez menos jovens com potencial de serem ótimos professores arriscam cursar uma licenciatura, levando em consideração a remuneração da profissão.

É diante desta realidade educacional brasileira que os profissionais da Educação em conjunto com a sociedade se engajaram na campanha que prevê que



10% do PIB brasileiro sejam diretamente repassados à Educação com o intuito de estabelecer uma nova realidade na educação de nosso país.

Diante deste descaso, deparamo-nos com a necessidade de uma efetiva organização escolar hábil para oferecer uma formação política aos indivíduos.

Infelizmente o Estado falha na Educação e na formação cidadã do seu povo, pois o que se oferece à maioria dos indivíduos é uma rede escolar precária, em vários sentidos, quando a maioria dos alunos saem do Ensino Médio acríticos, sem a devida formação política-cidadã para que haja progresso social.

O Brasil está estagna-

do em relação à sua educação e o governo assegura a educação da maneira que está, pois todo esse ciclo se dá pela legitimidade do povo brasileiro, são poucos que possuem a capacidade de compreender a real necessidade de uma educação de qualidade e, portanto, poucos lutam por uma educação melhor para o nosso país.

Como disse o ex-presidente da África do Sul, Nelson Mandela, “A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo”.

É através dela que podemos transformar e progredir, portanto, deve ser priorizada para que possamos efetivamente viver numa sociedade devidamente digna.

**O olhar sensível do fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado, em uma escola do MST (Foto: Sebastião Salgado)**



1ª edição da  
Marcha da  
Maconha, na Rua  
XV de Novembro,  
em Blumenau,  
ocorrida no  
mês de junho  
(Foto: Jaime Ba-  
tista da Silva)

# Uma polêmica erva

POR **GEORGE ERNESTO DA SILVA**, Doutor em Farmacologia pela UFSC, professor do Departamento de Ciências Farmacêuticas da FURB <gefarmaco@hotmail.com>

Marcha da Maconha, realizada pela primeira vez em Blumenau, em junho, levanta o debate em torno da descriminalização das drogas

No mês de maio, manifestantes em todo o mundo foram às ruas participar da chamada Marcha da Maconha. No Brasil, após pressão de um número crescente de ativistas e depois de alguns confrontos ocorridos entre manifestantes e a polícia, o Supremo Tribunal Federal (STF), em 2011, reconheceu a garantia de liberdade de expressão permitindo essa manifestação social. É um tema polêmico, sem dúvida. Mais polêmico ainda, foi a aprovação da proposta, por uma comissão de juristas, de descriminalização do uso de drogas, no dia 28 de maio desse ano. A proposta necessita ainda ser aprovada pelo Congresso Nacional para entrar em vigor. Nesse contexto efervescente sobre drogas, é importante procurar esclarecimento. Em primeiro lugar, a maconha é um preparado de folhas, folíolos, inflorescências,

caules e frutos da planta Cannabis sativa, cuja maneira mais comum de utilizá-la é através do cigarro de maconha, o chamado baseado. A plan-

**A planta é de origem asiática e se espalhou por todo o mundo, o que justifica o número de usuários encontrados pelo planeta. No caso do Brasil, foi trazida pelos escravos africanos no século XVI**

ta é de origem asiática e se espalhou por todo o mundo, o que justifica o número de usuários encontrados pelo planeta. No caso do Brasil, foi trazida pelos escravos africanos no século XVI. Hoje, segundo o relató-

rio mundial sobre drogas divulgado em 2011 e elaborado pelo Escritório Sobre Drogas e Crimes das Nações Unidas (UNODC), o número de usuários de maconha no mundo está entre 125 e 203 milhões de pessoas. No Brasil, segundo o Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID), em levantamento domiciliar realizado em 108 cidades a porcentagem de usuários está em torno de 1,9% a 2,6% da população. Quando observamos os dados nacionais, esses se referem ao uso recreacional, já que a droga é proibida independente da finalidade, mesmo que seja médica.

## O USO MEDICINAL DA PLANTA

A planta tem sido usada com propósito medicinal há séculos e seus produtos correlacionados foram amplamente prescritos até o início

do século XX. Entre outros motivos que levaram ao desuso médico foi a variabilidade química das preparações da planta comercializadas que acabavam gerando efeitos clínicos imprevisíveis. Além disso, alguns países começaram a relacionar o uso não médico da maconha à degeneração psíquica, ao crime e a marginalização do indivíduo. Vale acrescentar ainda, que, a maconha começou a se popularizar na década de 20 nos EUA (inverti a ordem) e, ao mesmo tempo, emergiu o entendimento a respeito do potencial de abuso de drogas como cocaína e morfina. Como consequência a maconha acabou sendo considerada uma droga com potencial de dependência e risco semelhante. Então, em 1937, nos EUA foi baixado um decreto proibindo o seu uso. No Brasil, a proibição total do plantio, cultura, colheita e exploração por particulares da maconha, em todo o território

nacional, ocorreu em 25/11/1938 pelo Decreto lei nº 891 do Governo Federal. A maconha, sendo uma droga proscrita, pouco se avançou na pesquisa, permanecendo as dúvidas a respeito de suas potencialidades medicinais.

Para se ter uma idéia do uso medicinal da planta, no século XIX até início do século XX ela era amplamente usada em preparações farmacêuticas manufaturadas por companhias bem conhecidas, como a Merck, Burroughs-Wellcome, Bristol-Meyers Squibb, Parke-Davis e Eli Lilly, para dor, problemas digestivos, asma, insônia, epilepsia, enxaqueca, entre outras indicações. A partir da década de sessenta com o isolamento e identificação da substância ativa, os estudos foram retomados, culminando no aval científico para uma série de indicações, atualmente em vigor na clínica: combate à falta de apetite em pacientes com HIV e em pacientes com câncer que fazem quimioterapia, no último caso também para combater o vômito. É usada ainda para combater os sintomas da esclerose múltipla. Os estudos avançam e cada vez mais possibilidades são evidenciadas, como é o caso do tratamento para depressão. Além dessa variedade de aplicações terapêuticas, vale lembrar que as fibras obtidas do caule da planta eram utilizadas para fazer cordas, tecidos, papéis, vestimentas, portanto havia uma vasta aplicação na indústria.

#### A DEPENDÊNCIA DA DROGA

Com todas estas propriedades, principalmente, as terapêuticas, a maconha pode trazer algum problema? Sim, vários estudos mostram que durante o uso da droga há uma dificuldade no aprendizado. Outros trabalhos mostram também

um prejuízo na coordenação motora, quando o usuário está sob o efeito da droga. Também, a droga pode desencadear a esquizofrenia em indivíduos pré-dispostos geneticamente. Cronicamente, até o câncer é descrito, como acontece com o cigarro comum comercializado. Uma das questões mais levantadas está relacionada à dependência, afinal a maconha pode levar à dependência? Sim, pode, mas aqui convém esclarecer mais. Atualmente, a dependência não é considerada apenas como um fenômeno tudo ou nada, ou seja, existem vários graus de dependência. A maconha apresenta um grau de dependência abaixo da cocaína, anfetaminas, heroína e do álcool. Basta verificarmos o motivo que levou o indivíduo a ser internado em uma clínica ou fazer parte dos narcóticos anônimos. A maioria dos usuários não se torna dependente e uma minoria desenvolve uma síndrome de uso compulsivo semelhante à dependência de outras drogas.

#### O QUE PERMEIA O DEBATE SOBRE A DESCRIMINALIZAÇÃO?

Com o que foi colocado, como fica a questão da legalização da descriminalização? A legalização envolverá a criação de um mercado de produção, comercialização e consumo com regras pré-determinadas, com tributação, restrição de venda para menores etc. Já a descriminalização, retira o usuário da esfera penal e a repressão ao consumo de drogas, passaria a ser tratada de forma administrativa, como ocorre nas infrações de trânsito.

Apesar do Brasil não ter descriminalizado ainda as drogas, a lei n. 11.346/06 trouxe alterações em relação ao tratamento dado ao traficante e ao usuário, competindo a

esse último prestação de serviços à comunidade ou medida educativa de comparecimento a um programa ou curso educativo, e não mais a previsão de pena privativa de liberdade.

Em Portugal, por exemplo, com a lei aprovada em julho de 2001, ocorreu a descriminalização do uso de drogas. A lei teve como objetivo facilitar o acesso e a orientação aos usuários de drogas. Em muitos outros países, a reforma teve como objetivo livrar os usuários das penalidades criminais. O resultado dessa reforma na lei não acabou com o problema das drogas, mas reduziu o uso problemático delas.

Na Holanda, o "livre" consumo de maconha está sendo revisto. Famosa por seus coffee shops, cafés que têm a autorização para vender maconha em pequenas quantidades, a Holanda agora, segundo decreto recentemente aprovado, só permitirá acesso a esses cafés para quem mora no país.

No Canadá, o uso medicinal da planta foi estabelecido em 1999, enfrentou problemas, principalmente relacionados ao apoio federal para a pesquisa, a produção e a distribuição da cannabis. Entretanto, hoje é uma referência colaborando com a Sociedade Canadense de AIDS e Sociedade Canadense de Esclerose Múltipla, além de ajudar pacientes por todo mundo. Nos EUA, apesar de alguns estados permitirem o uso médico da maconha, como é o caso da Califórnia desde 1996, os gastos relacionados à proibição da maconha estão em 7,7 bilhões de dólares.

A aprovação de qualquer lei deve levar em conta suas conseqüências como: será possível fiscalizar? Por outro lado, instituir a tolerância zero, isso vale para todos? Repressão ou educação? Há muito tempo se evidencia que a repressão não é a solução. Educar, conhecer é o cami-

nho.

A maioria dos argumentos contra ou a favor da legalização ou descriminalização apresentados pelo público em geral é baseado mais

### A legalização envolverá a criação de um mercado de produção, comercialização e consumo com regras pré-determinadas, com tributação, restrição de venda para menores etc. Já a descriminalização retira o usuário da esfera penal

em especulação do que em evidências. Cada país apresenta a sua particularidade. Importar programas de repressão dos EUA ou legalizar o uso recreacional como ocorria na Holanda, provavelmente não funcionará. Nesse sentido, creio que é necessário construir uma situação como a descriminalização e aprender com ela, para aí sim decidir se é possível ir além. Para finalizar, em um artigo publicado na Revista Brasileira de Psiquiatria, um dos maiores pesquisadores da maconha no mundo, o médico brasileiro Elisaldo A. Carlini destaca: "Deve-se considerar com seriedade a necessidade de se promover a descriminalização do uso da maconha, estipulando a quantidade considerada porte, sem promover a liberação da droga. Esta medida ampliaria as oportunidades de recuperação do usuário isolando-o do traficante e evitando sua dupla penalização: a pena social de ser um drogado e a pena legal por ser um drogado, esta última muitas vezes mais danosa que a primeira."





# Sentimento - Sensibilização Sentido - Racionalidade

Vista do Vale do Rio Hercílio, que corta parte da terra indígena, em José Boiteux  
(Fotos: Ernesto Jacob Kleim)

POR ERNESTO JACOB KEIM, professor do Programa de Mestrado em Educação da Furb coordenador do Programa Observatório Educação Escolar Indígena – CAPES/MEC

< ernestojacobk@gmail.com >

O poema ao lado se refere ao povo Xokleng/Laklânô e retrata uma reunião junto às lideranças dessa comunidade na Terra Indígena Laklânô, localizada em José Boiteux, em Santa Catarina, na qual contestaram a posição defendida pela academia, de que esse povo tenha sido silenciado em 1903, quando se aproximaram dos não indígenas integrantes do Serviço de Proteção dos Índios (SPI), para pedir proteção. Esse dia, 22 de setembro, ficou conhecido como o dia da pacificação. Nosso grupo de pesquisa, Filosofia e Educação EDUCOGITANS, apoiado em análises antropológicas e sociológicas, contestou essa titulação e propusemos que o nome pacificação fosse substituído por silenciamento.

Passaram-se seis anos em que essa expressão foi apresentada e parcialmente acolhida e debatida nos dias de comemoração do dia do silenciamento para uns e dia da pacificação para outros. Recentemente, no final de maio de 2012, em reunião para debater a possibilidade da FURB desenvolver uma Política Indigenista, para acompanhar e coordenar as interações da Universidade junto a essa comunidade tradicional, fui abordado de forma determina-

da pelos presentes à reunião, que contestaram de forma clara e bem argumentada, que nossa sociologia e antropologia estavam erradas, uma vez que se estivessem silenciados, a FURB não estaria debatendo a possibilidade de interagir com eles e também pelo fato de que, na época da aproximação com o SPI eles eram apenas 400 e atualmente a comunidade Laklânô conta com população aproximada de 4000 pessoas.

Com essa argumentação os indígenas defendem a posição de que deve ser mantido o título, dia da pacificação, para comemorar o dia em que eles pacificaram os não indígenas que os assassinavam, como se tivesse em vigor uma declaração de guerra, na qual a morte dos adversários não se constitui em crime. A questão é que essa declaração de guerra foi unilateral dos não indígenas contra os indígenas, e como não tinham como se defender diante da superioridade dos beligerantes, buscaram um acordo que estabelecesse o fim das investidas das forças, que atuavam a favor do extermínio desse povo.

Cabe destacar que esse povo ocupa o Vale do Itajaí há pelo menos 3.000 anos e a sobrevivência

por tanto tempo, na condição de povo migrante, deveu-se ao fato deles possuírem recursos e conhecimentos que merecem ser compartilhados com seus vizinhos.

Essa atitude evidencia a necessidade de a Universidade ao

**Esse povo ocupa o Vale do Itajaí há pelo menos 3.000 anos e a sobrevivência por tanto tempo, na condição de povo migrante, deveu-se ao fato deles possuírem recursos e conhecimentos**

pretender interagir com essa comunidade e com outras comunidades tradicionais, e não apenas intervir, deverá estar aberta para receber pessoas que se pautam em referenciais de vida, com cultura e cosmovisão diferentes dos vigentes, referenciados na perspectiva da colonização européia. Essa posição implica em acolher seus saberes e seus modos de vida, pautados em referencial que deve e merece ser respeitado, se a

universidade se amparar na posição de que nela se desenvolve um processo de universalização e não de hegemonização de saberes, conhecimentos e pensamentos.

Um dado importante para mensurar a dimensão desse desafio está no fato de que a constituição dos Laklânô como povo se pauta em sensibilização e sentimento e a constituição da realidade universitária pautada em nossos referenciais eurocêtricos se constitui, com base em sentido e racionalidade. Esse desafio então se mostra como lidar num contexto apoiado em sentido e racionalidade produtivista e mercadológica com uma realidade apoiada em sentimento e sensibilização na qual a interiorização e compreensão e a visão de partilha sejam prevalentes.

Com base nesses aspectos é que o poema acima, com pretensa forma artística e cultural, busca uma posição, que possa desencadear debates que promovam a redução de preconceitos e posturas que denigrem, a diversidade que faz do Brasil, um espaço único em nosso planeta pela diversidade que fundamenta uma alteridade com possibilidades inigualáveis.



As forças e os poderes transcendentais, ... você as/os sente?  
 Você pensa que sabe, e...  
 a ciência pensa que sabe e  
 você se ilude com seu conhecer.  
 Saiba que nós te contamos apenas o que você quer saber...  
 e apenas o que queremos que saiba.  
 Saber tudo de nós, ... somente se fores um de nós.  
 Isso por que te amamos, te admiramos e gostamos de você.  
 Não nos abandone agora.  
 Fique mais e saiba nos ouvir e aprenderás muito. Escute menos e ouça mais.  
 Em nosso silencio nós te dizemos muita coisa  
 Ouça nosso silêncio.  
 Com nosso silêncio nós te dizemos e contamos mais do que com nossas palavras.  
 Você acredita e se interessa por nós,  
 Saiba que o Kamlém fala contigo,  
 é o bugio que fala,  
 Ouça-o e incorpore-o como sendo a natureza.  
 Ouça-o e surpreenda-se  
 Queremos que nos perceba como seres que sabem e conhecem.  
 Queremos que entendas que...  
 Os indígenas pacificaram os não indígenas  
 Os não indígenas se iludem dizendo que nos silenciaram,  
 Mas nós falamos com nossa resistência.  
 Nós te pacificamos e deixastes de nos matar.  
 Naquele momento éramos 400 hoje somos 4.000.  
 Vocês estão silenciados com sua ignorância.  
 Vocês estão silenciados com seu orgulho.  
 Vocês estão silenciados com seu dinheiro.  
 Vocês estão silenciados com sua soberba.  
 Nós com nossos ancestrais pacificamos vocês.  
 O respeito e a capacidade de fazer a paz é nossa arma.  
 Vocês atiram em nós e nós os abraçamos.  
 A força da paz se manifesta no silêncio.  
 É de paz nossa postura silenciosa.  
 É de paz nosso não fazer.  
 É de paz nosso acolher.  
 Nossa pobreza material esconde nossa sabedoria.  
 Vocês têm bens, nós temos o saber ancestral.  
 Enquanto vocês constroem fortalezas nós construímos templos.  
 Enquanto vocês erguem palácios, nós erguemos barracos e palafitas.  
 Vocês se iludem na razão.  
 Nós nos fortalecemos no sentimento  
 Nós temos o amor como regra  
 Vocês têm a razão como regra  
 Vocês têm a certeza como ilusão  
 Nós temos a sensibilização como motivação da vida  
 Nós ficamos parados no todo.  
 Vocês correm para achar o nada.  
 Vocês se iludem com os livros  
 Nós nos fortalecemos com nossas histórias  
 Ouça mais e fale menos.  
 Em nosso silêncio e em nosso modo de fazer, está o som de nossa sabedoria ancestral.  
 Nós te ouvimos por horas a fio  
 Vocês se impacientam diante de nossas poucas palavras.  
 Acorde e seja feliz.  
 Acolha nossa cosmovisão.  
 Incorpore nossa alegria simples e despossuída.  
 Ajude a ouvir. Sente-se e aprenda.  
 Deixe de ver as fraquezas e se abra para nossa sabedoria.  
 Interprete as histórias de nosso passado.  
 Faça um pouco mais no silêncio.  
 Faça menos e melhor.  
 Se cuide mais e todos nos cuidaremos melhor.



## Sobre os indígenas de José Boiteux

Na década de 1920, as companhias colonizadoras de Rio do Sul levaram imigrantes alemães para as áreas vizinhas, e a região de José Boiteux foi uma das escolhidas. Nessas terras predominavam os indígenas Xokleng/Laklãnõ em sua maioria, que aos poucos, foram empurrados para junto das montanhas, que depois foram delimitados como sendo uma reserva para a qual depois foram enviados indígenas kaingang e guarani, atualmente nomeada Terra Indígena Laklãnõ. Em 1975, os indígenas perderam 856 hectares dessas terras que foram desapropriadas para a construção da Barragem Norte, a fim de conter as cheias da região e muitos outros lhes foram usurpados por diversos meios legais e ilegais, perdendo toda a área fértil e perdendo também os peixes antes abundantes. Hoje sobrevivem com grandes dificuldades e para comer, alguns vendem lenha para as estufas dos fumicultores mutilando a Mata Atlântica que já foi violentada e descaracterizada pela volúpia dos madeireiros.



# 25 anos de cultura, arte e infinitos sorrisos

Festival Internacional de Teatro Universitário de Blumenau chega a 25ª edição com o apoio da comunidade

POR **PITA BELLI\***, coordenadora do FITUB desde a 15ª edição, Diretora do Grupo Teatral Phoenix da FURB; professora do Bacharelado em Teatro da FURB

25a. Edição do Festival Internacional de Teatro Universitário de Blumenau! Vinte e cinco anos de uma sólida parceria entre seus realizadores e a comunidade blumenauense. O público, que na última edição esteve perto de 23.000 espectadores, sempre esteve presente, como um bom companheiro, nas atividades promovidas pelo FITUB. E isso, desde sua primeira edição. Segundo relatório da prefeitura, que se refere ao primeiro festival, “Foi uma semana culturalmente movimentada em Blumenau. O grande auditório da Sociedade Dramático Musical Carlos Gomes esteve constantemente lotado nas apresentações, que abrangiam os mais variados temas. Tratando-se do primeiro de uma pretendida série de festivais universitários de teatro, alguns contratempos foram inevitáveis, mas não chegaram a ofuscar o brilho do festival. [...] No dia dois de agosto despediram-se de Blumenau todos

os grupos teatrais, deixando a certeza que foi um evento que beneficiou cultural e artisticamente toda a comunidade”.<sup>1</sup>

E, para além de sua relação com a comunidade, o FITUB caracteriza-se por ser um raro momento de manifestação teatral no âmbito universitário, sendo referência e incentivo para a criação artística teatral. Ademais, ao longo desses 25 anos o festival incorporou à sua programação grupos teatrais universitários de outros países, promovendo um intercâmbio cultural de grande significância.

Como decorrência desse intercâmbio e, procurando ampliar o alcance de sua proposta de estudos e reflexões sobre a produção e a pesquisa em teatro dentro das universidades, a partir da 22ª edição a Mostra Paschoal Carlos Magno passou a ser uma mostra exclusiva do teatro universitário ibero-americano. Essa decisão foi decorrência do fato de que,

a cada ano, aumentava o número de inscrições recebidas das universidades de outros países, interessadas no intercâmbio cultural e artístico promovido pelo festival. Nesse mesmo

dos para tal. Os espetáculos constantes das duas mostras universitárias são analisados por profissionais reconhecidos na área, provocando a reflexão e aprimoramento dos estudos em

**Mesmo estando fora do circuito dos grandes centros, devido à qualidade e continuidade de realização, o Festival Internacional de Teatro Universitário de Blumenau é parte imprescindível do calendário cultural de inverno do Estado de Santa Catarina**

ano o festival passou a ser intitulado Festival Internacional de Teatro Universitário de Blumenau. Portanto, a partir de 2008, o FITUB conta com uma Mostra Universitária Nacional e uma Mostra Universitária Ibero-Americana. Ambas as Mostras passam por uma seleção realizada por uma equipe de renomados profissionais da área, especialmente convida-

teatro. Além disso, a cada ano, a programação do festival conta com espetáculos profissionais convidados, selecionados entre os trabalhos que se destacam no panorama nacional. Após essas apresentações são promovidas conversas entre os profissionais e os estudantes, provocando troca de ideias e reflexões dos futuros profissionais. O FITUB oportuniza tam-



bém a apresentação de trabalhos dos grupos de teatro locais, na Mostra Blumenauense de Teatro, e que podem também usufruir dos momentos de estudos, das análises de espetáculos e das oficinas. Além disso, os grupos têm a oportunidade de terem seus espetáculos analisados pelos profissionais convidados do festival, ainda que essa ação aconteça informalmente. A mostra é uma parceria entre a Fundação Cultural de Blumenau, os grupos integrantes da Temporada Blumenauense de Teatro e o festival. O festival apresenta diversos espetáculos nos dois palcos e na praça do Teatro Carlos Gomes, em espaços alternativos, no auditório da Fundação Cultural de Blumenau – Auditório Carlos Jardim – e, dentro do programa Palco sobre Rodas em ruas, escolas, terminais de ônibus, centros sociais de bairros e cidades da região, estendendo à comunidade a possibilidade de fruir a arte teatral. O número de espectadores que acorrem aos locais das apresentações aumenta a cada ano, o que confirma sua popularidade e denota a importância de sua realização para a comunidade regional. Durante os dias de realização do FITUB acontecem, diversas

Conversas sobre Teatro com os profissionais que integram a equipe de convidados. Essas conversas procuram permear o tema que a cada ano é escolhido para traspasar as ações do festival. Em 2012, o tema é: Vivendo as muitas memórias. Além disso, junto à sua programação, o festival realiza a Jornada Latino-Americana de Estudos Teatrais, onde alunos e professores pesquisadores podem trazer à público os resultados de suas pesquisas acadêmicas na área teatral. Essa ação aconteceu nos dois dias que antecedem a realização do festival propriamente dito, e conta com palestrantes internacionais que se dedicam ao estudo do teatro latino-americano, além das sessões de comunicação. Ainda, durante a realização do festival, acontece a Mostra de Vídeo Rute Zendron, sobre teatro, que conta com a colaboração dos convidados, e que grande êxito obtém junto aos estudantes de teatro. Nessa ação são apresentados filmes sobre teatro, documentários, vídeos de espetáculos, sempre conduzidos por um profissional que, após cada apresentação, promove uma conversa sobre o material assistido. Outra ação do FITUB é a apresentação, dentro da ação “eventos especiais”, de grupos artísticos da cidade, de outra natureza, como música, literatura e artes visuais. Muitos artistas



da cidade têm aí a oportunidade de compartilhar seus trabalhos com um público grande e variado.

Em 2011 o festival iniciou nova ação: Teatro na Escola, com o intuito de estender seu alcance também ao público infantil e professores das escolas de ensino básico e fundamental. Integram essa ação oficinas para professores, oficinas para as crianças e apresentação de espetáculos, tanto direcionados ao público infantil quanto realizados pelas próprias crianças.

Mesmo estando fora do circuito dos grandes centros, devido à qualidade e continuidade de realização, o Festival Internacional de Teatro Universitário de Blumenau é parte imprescindível do calendário cultural de inverno do Estado de Santa Catarina, assim como é ansiosamente aguardado por todas as universidades do país e Ibero-América que possuem cursos de teatro e/ou grupos de teatro de extensão universitária, além dos grupos independentes, que procuram o festival com o intuito de refletirem sobre a produção teatral e seu ensino nas escolas técnicas e superiores. E, aos 25 anos, o FITUB espera a comunidade blumenauense para, juntos, comemoram as bodas de prata dessa grande parceria!

O ator James Beck e a atriz Sabrina Marthendal (na página ao lado) ambos da Cia Carona, provam que é possível viver de Teatro em Blumenau. Nas imagens eles aparecem em atuação da peça Passarópolis. Abaixo, imagens das peças Números, Vida e Passarópolis (Fotos: Rafaela Martins)

Nota:

1 Relatório da Prefeitura Municipal de Blumenau sobre o 1o Festival Universitário de Teatro de Blumenau

\* Patrícia de Borba

## Festival Internacional de Teatro de Blumenau

- Criado em 1987, o FITUB é o mais antigo festival do gênero no país
- 2009 foi o único ano que não foi realizado o FITUB. Na época, a reitoria decretou que o festival deveria ser bianual
- Congrega anualmente mais de 200 artistas, entre grupos selecionados e convidados em geral
- Composto por uma Mostra Universitária Nacional e uma Mostra Universitária Ibero-Americana (Pascoal Carlos Magno), além do palco sobre rodas, oficinas, análises dos espetáculos, palestras, Mostra Blumenauense de Teatro, o festival se constitui num raro momento de encontro entre estudantes, profissionais de Teatro e a comunidade
- O festival não se restringe ao público especializado. Todas as atividades são abertas a comunidade em geral

Fonte: Centro de Memória Universitária da Furb



A programação completa do 25º Fitub está disponível no site: [www.furb.br/fitub](http://www.furb.br/fitub)



Foto: Rafaela Martins

## Parceria UFSC X FURB

A reitora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Roselane Neckel participou dia 19 de junho, em Brasília, de audiências no Ministério da Educação para discutir a expansão da UFSC para Blumenau. Na companhia do reitor da Furb, João Natel, discutiram com o governo os melhores caminhos para a integração das duas instituições.

Em reunião realizada dia 28 de junho, em Florianópolis, a reitoria na UFSC apontou várias dificuldades quanto à viabilidade jurídica da proposta construída pela FURB. Em decorrência destas considerações, na continuidade da reunião, foi decidido pela construção e encaminhamento de uma proposta única, elaborada pelas duas instituições, a ser submetida ao MEC e que deve descrever o modelo jurídico, contemplando a cedência de servidores estáveis da FURB, aproveitamento dos discentes dos cursos na medida em que as vagas forem implementadas, além da questão patrimonial.

Acordou-se, ainda, que a proposta acadêmica deve explicitar vagas e cursos, prevendo o processo de oferta e abrangência na sua íntegra.

Há determinação que os trabalhos sejam acelerados para que em breve espaço de tempo ocorra sua validação pelas instâncias colegiadas internas e encaminhamento ao MEC.

## MST reivindica outro modelo agrícola

Com um total de 140 assentamentos e 5 mil famílias assentadas em Santa Catarina, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) busca novos rumos no combate ao agronegócio e luta pela reforma agrária. Dirigentes sindicais participaram de um curso de formação com a coordenação estadual do Movimento, dia 20 de junho, no auditório do Sindicato dos Trabalhadores Têxteis de Blumenau (Sintrafite).

Irma Bruneto, integrante da coordenação estadual do MST falou sobre as resistências enfrentadas pelo movimento em cidades como Papanduva e Taió. Ela lembrou ainda da Marcha Nacional do MST, que saiu de Goiânia e se estendeu por 17 dias até Brasília, em 2005, com a participação de mais de 10 mil pessoas.

Irma destacou ainda que o governo federal adotou o agronegócio como modelo para a agricultura: "A reforma agrária não está em pauta no país. O modelo que se defende para a agricultura no país é um campo sem agricultores" - defendeu.

Irma lembrou ainda o massacre de Eldorado de Carajás. Em 17 de abril de 1996, 19 trabalhadores rurais Sem Terra foram brutalmente assassinados por policiais militares no chamado massacre de Eldorado dos Carajás, no Pará.

## Liminar suspende propagandas da Prefeitura de Blumenau

O Ministério Público de Santa Catarina (MPSC) obteve medida liminar em ação civil pública determinando a suspensão da divulgação de todo material publicitário da Prefeitura Municipal de Blumenau que fizer referência ao slogan "Trabalhando sério pra gente se orgulhar" ou à logomarca "Blumenau 2050", por serem considerados marketing político.

O Promotor de Justiça Gustavo Mereles Ruiz Diaz, com atuação na área da moralidade administrativa na Comarca de Blumenau, autor da ação contra o Município e o Prefeito João Paulo Kleinübing, ressalta na ação que a publicidade governamental deve ter, conforme exige a Constituição Federal, caráter educativo, informativo ou de orientação social.

Salienta, ainda, que a lei que institui a Bandeira do Município veda expressamente o uso na publicidade da Prefeitura de qualquer expressão ou símbolo relacionados a partidos políticos, campanhas eleitorais ou identificadores de administração transitória do Município. Em relação à publicidade questionada na ação, o Promotor de Justiça sustenta que "trata-se de material sofisticado, elaborado pelas mais requisitadas agências de propaganda do Estado, e que tem a intenção de distorcer a realidade, de difundir a ideia de uma cidade perfeita a partir dos atos do atual governo. Visa, essencialmente, impor uma imagem, seduzindo eleitores a acreditar que somente nas mãos destes governantes os projetos e realizações tornar-se-ão realidade".

## Sessão de cinema seguida de debate reflete as condições dos trabalhadores em frigoríficos

O Fórum dos Trabalhadores de Blumenau, entidade composta por mais de dez sindicatos de trabalhadores, traz a cidade dia 30 de julho, segunda-feira, o cineasta Carlos Juliano Barros, um dos diretores do documentário Carne, Osso. O encontro será às 19h, no auditório do Sindicato dos Trabalhadores Têxteis de Blumenau, Gaspar e Indaial (Sintrafite). A ideia é promover uma sessão de cinema e logo após um debate com o diretor. A comunidade é convidada a participar.

O filme destrincha as condições de trabalho em alguns abatedouros e frigoríficos brasileiros. Em 2010, o Brasil se manteve líder de exportação de carne bovina no mundo com 1,7 milhão de toneladas vendido para mais de cinquenta países. As boas condições do mercado, no entanto, nem sempre se equiparam às de trabalho nos abatedouros.

Segundo dados da Previdência Social apresentados por Carne Osso, cerca de 750.000 pessoas trabalham no setor expostas a riscos três vezes maiores que a média registrada em outras categorias. O alto índice está no manuseio de objetos perfuro-cortantes, nas lesões corporais por esforço repetitivo e nos danos psicológicos.

Foto: Agência Brasil



# Cavalos, poetas e "Carbajais"

POR VIEGAS FERNANDES DA COSTA, *Editor do Sarau Eletrônico da Biblioteca da FURB*

<viegas@furb.br>

“A campanha tocou, abri a porta, estava ali um rapaz de blusão, que se inclinou num ângulo de 45 graus e foi dizendo que era um poeta da América espanhola, a nacionalidade não importava, conhecia toda a minha obra e desejava ‘charlar’ um pouco. Que maçada! pensei. E expliquei-lhe que no momento não seria possível, eu estava com visitas (não era praticável introduzir no colóquio elemento tão heterogêneo). – Mas volte outro dia. Não deixe, porém, de telefonar antes, avisando-me. Novo cumprimento de 45 graus e o estrangeiro partiu sem mais palavra.”

O parágrafo que abre este texto é de autoria de Manuel Bandeira, e pertence à crônica intitulada “O Estrangeiro”, publicada no livro “Flauta de papel”, de 1957. Parece mentira, mas Blumenau já serviu de destino a algumas figuras bastante surreais. Desde os primórdios da ocupação europeia no Vale do Itajaí, com Fritz Müller – que Charles Darwin chamou de “o príncipe dos observadores da natureza do Brasil” –, até os tempos que correm, vez por outra aparece em meio à antipática sisudez protestante desta cidade cenário um sopro de vida delirante. É de uma vida delirante que fala Manuel Bandeira, personificada em carne, estrada e palavra. Mas antes, porém, de tratarmos deste “delírio”, há de se lembrar do “Dicionário”, e de como um cavalo passeou pela Biblioteca da FURB.

Madrugada de 14 de setembro de 2011, e o jovem diretor Ricardo Weschenfelder dava vazão à imagem que povoava seus sonhos: um cavalo branco passeava entre as estantes de uma biblioteca. O cavalo em questão era, na realidade, uma égua das cavaliças da Polícia Militar de Santa Catarina. A égua interpretava, entretanto, um personagem: o cavalo imaginado por Lindolf Bell em seu conto intitulado “O Guarda-Noturno”, e em cujo ventre podia-se ver a cidade adormecida. Brotara, o cavalo, de um verbete incluso em dicionário ilustrado, lido por um guarda-noturno indeciso entre o sono e a vigília. Ricardo Weschenfelder, entusiasmado com o conto de Bell, resolvera adaptá-lo para o cinema. Nascia assim o curta-metragem “Dicionário” (2012).

No filme de Weschenfelder o foco é a história de um operário da indústria cerâmica demitido da função depois de quebrar, rotineira e acidentalmente, diversas das peças que produzira. Desempregado, resolve se candidatar à vaga de guarda-noturno na biblioteca de uma universidade recém-construída; e é ali que, lendo um dicionário, passa a ter algumas visões, dentre às quais esta, equina, que descrevemos. Já o conto de Bell, ainda que também focado na presença do guarda-noturno, propõe possibilidades outras, principalmente se lido enquanto manifestação literária que dialoga com um território geograficamente marcado e datado.

“O Guarda-Noturno” foi originalmente publicado em 1976, na antologia “Assim escrevem os catarinenses”. Quando Ricardo Weschenfelder escolheu o prédio que abriga a Biblioteca no Campus I da FURB para boa parte das locações de “Dicionário”, não suspeitava que Lindolf Bell havia retratado em seu conto esta mesma biblioteca, porém há época localizada junto à entrada principal da Universidade. Apesar do autor não ter nominado o território em que se desenrola a trama, uma série de elementos nos permitem localizar o texto. Blumenau inaugurou, em 1964, a primeira

escola de ensino superior do interior catarinense, embrião da atual Universidade Regional. Seu primeiro reitor, Martinho Cardoso da Veiga, surge no conto como “um homem de pouco riso”. Curiosamente, a única foto de Martinho em que podemos vê-lo esgaçando os lábios em sorriso, é justamente uma em que este aparece ao lado de Bell, durante um evento artístico. Curiosamente, também, foi Martinho quem doou os primeiros livros que deram origem à Biblioteca – que hoje leva seu nome – visitada, em 2011, pelo cavalo Belliano–Weschenfelderiano.

Mas bem, ainda não dissemos a que vieram as palavras de Manuel Bandeira, lá do começo. Qual a relação entre a “vida delirante” que bateu à porta de Bandeira, um cavalo na biblioteca, Bell, Martinho e sabe-se lá o que mais? Afinal, que costura é esta que fazemos em terras de fiandeiras e peixinhos? Em se tratando de delírios, explique-se, tudo sempre faz sentido.

Não conhecia o conto de Bell, e se comecei aqui falando do “Dicionário”, é justamente porque este me levou àquele. De Bell, até então, havia lido apenas poemas e críticas de arte. Ao ler “O Guarda-Noturno”, deparei-me com uma descrição, vislumbrada pelo protagonista da ficção a partir da janela da biblioteca. Descrição que tece as possibilidades de encontro entre Bell, Weschenfelder, Martinho, o Cavalo e a “vida delirante” da crônica de Bandeira. Ei-lo: “Na luz maior do pátio externo, para onde a janela se abre, o relógio do sol em pedra, inacabado em seu tempo inacabado. Ao redor de sua estrutura por pintar e cimentar em vários lugares, além da chuva fina, centenas de insetos, voando sem parar, numa dança mágica. A voz continua chamando. Agora parece vir também do tempo inacabado do relógio de sol, de dentro da própria chuva.” No filme de Ricardo Weschenfelder estão os insetos, porém o gnomon (popular-

**Em meio à antipática sisudez protestante desta cidade cenário, um sopro de vida delirante sempre se é possível enquanto subsistir a profana liberdade de uma biblioteca, e enquanto suas portas estiverem abertas a cavalos, poetas e “Carbajais”**

mente chamado de relógio de sol) não aparece. Mas ele está lá, de fato, plantado no pátio de entrada da Universidade desde 1969 pelo uruguaio Félix Peyrallo Carbajal, o “rapaz de blusão” da crônica de Bandeira. Havemos de falar dele, portanto.

Carbajal nasceu no Uruguai em 1905. Filho de um músico bem sucedido, ficou órfão da mãe, que faleceu em seu parto, e do pai ainda na juventude. Deste herdou um bom dinheiro, com o qual deu início a sua vida de andanças pelo mundo. A propósito, falar da vida de Carbajal é o mesmo que flertar entre o surreal e o fantástico. Não sabemos até que ponto suas peripécias foram efetivamente vividas, ou se ficcionalizadas pela mente fértil de um mitômano – algo como “Peixe Grande” (2003), o filme dirigido por Tim Burton. Para quem deseja ter dimensão do que falo aqui, vale a leitura do livro “La muerte está servida”, de Clari-



bel Terré Morell, uma espécie de novela narrada em primeira pessoa, e que tem como protagonista-narrador Félix Carbajal.

Sem endereço, sem bens, e carregando apenas duas mudas de roupa (uma no corpo, outra na bolsa), Carbajal viajou por diversos países dos continentes europeu e americano, e travou relações com uma série de expoentes da cultura ocidental do século XX. A lista é mesmo muito longa, mas vale citar alguns nomes, como Gabriel García Marquez, Federico Lorca, Frida Kahlo, Pablo Neruda, Salvador Dalí, Bertrand Russel, Hemingway, Borges, Vinicius de Moraes, Eduardo Galeano, Sartre, Simone de Beauvoir entre tantos outros. Na residência de vários chegou a residir, e a alguns teve como amantes. Boêmio, depois de finda a herança, vivia das palestras que proferia, da ajuda dos amigos que fazia pelo mundo e, mais tarde, a partir da sua estada na Nicarágua, onde recebeu o convite para construir um gnômon na praça do povoado de Metapa, como gnomonista. E foi construindo gnômons (quase duzentos espalhados por toda América Latina) que chegou a Blumenau em 1969, onde construiu o relógio de sol que o narrador do conto de Bell avistou pela janela da Biblioteca.

O mais impressionante, entretanto, foi reencontrá-lo em Blumenau e vê-lo coordenando os trabalhos de restauro do relógio de sol da FURB em 2004, aos 99 anos, um ano antes do seu falecimento. Por que motivos Carbajal escolheu Blumenau para terminar seus dias, desconheço. Hospedado em um asilo da cidade, o irrequieto ser franzino que bateu à porta de Bandeira em meados do século XX, em princípios do XXI frequentava praticamente todos os dias a Biblioteca da FURB, a mesma que serviu de cenário ao conto de Bell, que cita o impressionante relógio por ele plantado quase quarenta anos antes; a mesma que recebeu um cavalo entre suas estantes, fruto de um surrealismo ainda latente na cabeça de um jovem diretor; a mesma nascida da doação dos livros de um Martinho de pouco riso. Nesta biblioteca lia, principalmente, a enciclopédia Larousse com a ajuda de uma poderosa lupa, porque uma vida centenária deixa suas marcas nos olhos. E nesta biblioteca, por fim, foi descoberto por Clari-bel Morell, que há muito o acreditava morto.

Em meio à antipática sisudez protestante desta cidade cenário, um sopro de vida delirante sempre se é possível enquanto subsistir a profana liberdade de uma biblioteca, e enquanto suas portas estiverem abertas a cavalos, poetas e “Carbajais”.

**O uruguaio Félix Carbajal com seu relógio de sol na FURB**

(foto: Centro de Memória Universitária da FURB)

# Mobilidade Cidadã

Aproximação das eleições municipais requer inclusão da mobilidade urbana como item obrigatório das políticas públicas e planos de governo

POR CHRISTIAN KRAMBECK, arquiteto e urbanista e professor do Curso de Arquitetura da FURB < christian@terra.arq.br >

E MAGALI MOSER, jornalista do SINSEPES < magali.moser@gmail.com >

As vias são para o trânsito como a artéria para um organismo: elas são o meio responsável pelo deslocamento e fluxo das partes. No entanto, o crescimento alarmante da frota de veículos impede a absorção de toda a demanda. De acordo com o Denatran (Departamento Nacional de Trânsito), nos últimos dez anos, a frota de veículos (ônibus, carros, caminhões etc.) cresceu 119%. Considerando o resultado do Censo IBGE 2010, o país tem uma média de um carro para cada 2,94 habitantes.

Com 300 mil moradores, Blumenau tem uma frota que ultrapassa 216 mil veículos, de acordo com dados do Detran/SC no mês de junho deste ano. Se não frear o ritmo apresentado nos últimos anos, em breve a cidade terá um veículo para cada habitante.

A mobilidade urbana surge como um desafio para as políticas

## A mudança verdadeira é reconhecer que o automóvel individual deve ter restrições no espaço urbano do século XXI, ele traz insegurança, poluição, desconforto, deseconomia

públicas num cenário de expressiva motorização individual.

A cidade é o mais complexo artefato já produzido pela sociedade, mas é fundamental que funcione e cumpra seus objetivos: oferecer condições de subsistência, segurança, conforto, e atrativos a todos os seus habitantes. Estamos longe desta perfeição, precisamos reformular completamente nossas cidades, a forma de pensá-las e vivê-las!

Porque os políticos não têm coragem suficiente para propor algo e agir? Porque nós também não temos? E se houver, o que fazer primeiro? Fazer uma cidade livre de verdade! Uma cidade que ofereça condições efetivas de ir e vir à todos os seus cidadãos, sem distinção ou exceção.

Compreender a lógica de organização territorial de Blumenau, seus espaços segregados, suas desconexões regionais, suas ineficiências e seus gargalos viários. Pensar como conectar os lu-

gares, as pessoas e as informações da forma mais eficiente e sustentável, passa pela consolidação e aperfeiçoamento dos corredores exclusivos de ônibus, melhorar sua eficiência e alcance, implantar sistemas cada vez mais democráticos e inteligentes.

Não é possível falar em mobilidade urbana democrática enquanto muitos têm dificuldade de pagar o alto valor da passagem, não se pode argumentar em favor da cidadania enquanto não recuperarmos a gratuidade do transporte público aos domingos, quando os trabalhadores podiam visitar amigos e familiares, passear pela cidade, conhecer outros bairros ou apenas andar de ônibus e ir aos poucos parques e praças da cidade. A recém implantada Rota do Lazer, por exemplo, teria muito mais vida com a volta da gratuidade das tarifas aos domingos.

Mas a mudança verdadeira é reconhecer que o automóvel individual deve ter restrições no espaço urbano do século XXI, ele traz insegurança, poluição, desconforto, deseconomia e ineficiência para as cidades. Mas para isso precisa nascer uma nova cidade, conectada por ciclovias, com toda a infraestrutura necessária, bicicletários, aluguel de bicicleta, conexão com os terminais de ônibus e muito mais.

As recentes tentativas de se implantar ciclovias em Blumenau demonstraram mais uma vez a insensibilidade do poder público diante das necessidades da população.

Concentrar as ações num único momento, com o Dia Mundial sem Carro, quando políticos de diferentes siglas partidárias fazem questão de serem fotografados pedalando, num esforço de fazer com que a opinião pública saiba que estão "preocupados" com o tema, também se mostra uma medida ineficaz.

Assim como a implantação de rodízio de carros em Blumenau, a exemplo do que ocorre nas grandes cidades, defendida de forma veemente por um vereador na Câmara. A demora do poder público em apresentar soluções faz com que os problemas se agravem.

Optar pelo ônibus em detrimento do automóvel ainda não é convidativo. Taxada em R\$ 2,90, a tarifa de ônibus hoje em Blumenau é uma das mais caras de Santa Catarina. Em Florianópolis, com

NO EXIT

© Andy Singer



cartão eletrônico, o usuário paga R\$ 2,70 e em dinheiro R\$ 2,90. Além do preço, soma-se todos os inconvenientes e transtornos como lentidão, engarrafamentos, superlotação...

Os corredores exclusivos de ônibus, anunciados pelos gestores públicos como a grande mudança em prol de um trânsito humanizado, surtiram efeito, representaram um avanço considerável, mas as mudanças precisam ser profundas. Mais do que atitudes individuais, requerem o envolvimento de toda a comunidade para alterar a própria cultura que impõe o carro como status social.

É preciso inverter a lógica onde andar a pé, de ônibus ou de bicicleta está associado à pobreza. Somente uma nova educação pode justificar a troca do uso do transporte individual pelo transporte coletivo.

Uma cidade com amplas e seguras calçadas, sem postes no meio do caminho, onde o cadeirante, a grávida, o cego, o idoso, a criança e todos nós possamos circular sem medo e acessar todos os lugares de forma autônoma, sem precisar da ajuda de ninguém, de

cabeça erguida.

Uma cidade macia, colorida, musical e humana, onde o ser humano volte a ser o protagonista e possamos nos reconciliar com os rios, morros, praças e parques, com as ruas, a paisagem, com os lugares e pessoas. Uma cidade mais humana!

Para isso é preciso compreender e acreditar numa bandeira: transformar Blumenau em cidade referência nacional em mobilidade cidadã, pensada e planejada para o pedestre, para o ciclista e para o transporte coletivo e conexões inteligentes entre todos estes modos de transporte.

O carro tem seu papel e se usado de forma equilibrada pode e deve fazer parte do sistema de mobilidade.

Neste ano de eleições municipais, cabe aos principais candidatos a prefeito levantar essa discussão, construir coletivamente seus planos de mobilidade e assumir compromissos públicos no sentido de concretizar este sonho possível. É preciso tornar o tema um assunto político e unir forças em prol de um mundo mais respirável.